

RDP – Antena 2

Programa: “O Véu Diáfano”

Três comunicações sobre:
“Stockhausen: *Licht* (I e II)”

Quintas-feiras, 08 e 15/12/2011, 23h00

Quintas-feiras, 15 e 22/12/2011, 13h00

Duração das comunicações: 60 minutos (cada)

Resumo:

Stockhausen, ***Licht***: composta entre 1978 e 2003.

Cerca de um quarto de século de composição praticamente ininterrupta permitiram a Stockhausen concretizar o seu imenso projecto de uma “heptalogia”, conjunto de sete óperas, cada uma das quais ligada a um dia da semana, para vozes instrumentos e bailarinos solistas, coros, orquestras, corpo de bailado, mimos e electrónica. Inicialmente concebido como um “Teatro de Deus”, ***Licht*** [“Luz”] coloca em cena três personagens simbólicas principais: Michael (o anjo dos exércitos celestes, etimologicamente, o “que é como Deus”), Eva (a figura feminina, materna) e Lúcifer (anjo com vontade própria, adversário de Deus e de toda a criação humana).

Há quem veja esta obra imensa como uma cosmogonia, com as suas figuras míticas, a sua simbologia própria, as suas forças incarnadas.

Sete óperas, uma “heptalogia” que constitui certamente a mais ampla, a mais extraordinária aventura operática da segunda metade do século XX.

Stockhausen, ***Licht*** [“Luz”]: sete óperas, uma “heptalogia”, seguindo o ritmo dos dias da semana. A cada ópera está associado um dia que lhe dá título: ***Segunda-feira de Luz***, ***Terça-feira de Luz***, etc., etc.

Ao longo destes sete dias – como através de uma viagem iniciática – assistimos a uma visão possível da história do homem através de três personagens centrais: a do próprio homem (aqui representado pela figura de Michael), a da mulher (Eva: a mulher, a mãe) e uma figura mais ambígua, feita de luz e trevas, figura da tentação e do conflito (aqui encarnada por Lúcifer).

O eco religioso cria uma incontornável grelha de leitura: Michael é construído à imagem do arcanjo, aquele “que é como Deus”, e que Stockhausen via Stockhausen como uma representação do próprio Cristo que, sendo deus, se fez homem. Eva é a mulher, a primeira mulher (não Maria, reparem) – e aqui, como sempre, Stockhausen inspira-se livremente

no Antigo e no Novo Testamento. Quanto a Lúcifer, tal como desenhada por Stockhausen, a personagem segue quase o sentido etimológico do nome: não é tanto um diabo negro, mas, pelo contrário... *lúci-fer*, “lucem ferre”, aquele que “traz a luz”.